

O sentimento de impotência

Sheiva Rocha

Estamos aqui reunidos para falar sobre Poder, Sofrimento Psíquico e Contemporaneidade, e especialmente, nessa mesa sobre o sentimento de impotência.

Penso que esta questão pode ser encaminhada por dois vieses diferentes.

O primeiro aquele que diz respeito ao gênero masculino. Assim, a impotência psíquica é definida por Freud,(1) como: "esta singular perturbação que atinge homens de natureza intensamente libidinosa e se manifesta como uma recusa dos órgãos executores da sexualidade de levar a cabo o ato sexual....conquanto apresentem forte propensão psíquica a realiza-lo".

Em Freud e na maioria da bibliografia encontrada a impotência sexual seria apenas masculina, talvez, por ter ficado localizado no homem a questão do poder e por isso mesmo, o não-poder, a impotência. Esse fictício poder, coloca o homem como o único impotente.

O outro viés, mais atual, esquece os gêneros e procura abordar o ser humano e o seu desamparo. Preferi me ater ao segundo, o do desamparo do ser humano.

A ciência impôs a humanidade, como todos sabemos, três grandes decepções. Com Copérnico, o homem descobre que não é o centro do universo, Com Darwin descobre que não tem uma origem mais nobre que o resto dos animais e com Freud descobre o inconsciente, que coloca o homem sem o controle de si mesmo.

No início da década de trinta do século passado a Europa foi varrida por uma onda de intolerância, segregação e violência, que culminaram na segunda guerra mundial.

Neste ambiente, em 1930 ,Freud (2) escrevia que eram três as principais fontes do sofrimento humano: a Natureza com sua força indomável; as vicissitude do corpo em sua marcha inexorável em direção a auto-dissolução e a relação entre os homens que os condenava á exigências sociais e renúncias pulsionais muito além das possibilidades de seu acanhado espírito.

Mais de setenta anos se passaram e um novo mundo foi construído. Foram muitas as conquistas da ciência e intenso os impactos tecnológicos Entretanto, há algo de muito velho neste novo mundo: nosso sofrimento permanece atrelado às suas antigas fontes.

Com certeza nossa capacidade de extrair riquezas da natureza expandiu-se muito além do que se poderia imaginar levando a colocar em risco o eco-sistema e ao mesmo tempo em que dá testemunho, de tal expansão, confirma o poder superior do meio ambiente para a sobrevivência

da espécie humana. Sem sombra de dúvidas, proporcionamos hoje mais saúde ao nosso corpo, sem, contudo evitarmos a inexorabilidade de nossa finitude. Apenas adiamos um pouco o desfecho trágico de nossa existência e ficamos muito gratos à ciência por cada dia a mais de esperança, ou ilusão.

Somos gratos a ela por acenar com uma possível nova utopia que possa diminuir o profundo ressentimento da perda das anteriores. Nossas fantasias de onipotência, vindas de tempos imemoriais, sem dúvida alguma, encontram um grande abrigo nos progressos da biotecnologia.

A imortalidade, perfeição sempre tão almejada, deixou para nós ocidentais de ser assunto religioso para se tornar matéria de pesquisadores.

Nossa crença no progresso da ciência nos faz apostar ilusoriamente na vitória sobre todas as imperfeições, carências, sofrimentos e até sobre a morte.

Entretanto desde os anos 70, há um ceticismo face às promessas da ciência e conseqüentemente uma retomada marcante da religiosidade. Contrariamente ao que Freud em 1927 escreve (3), a religião vem se tornando uma ilusão cada vez mais presente.

A falência dos valores e utopias do Iluminismo certamente abriu mais uma vez a ferida do mal estar social.

Quais os sintomas dessa falência? A entrada em cena do tempo no séc.XIX perturbando a serenidade do Universal e do Absoluto; a crise da representação; a crise do fundamento, daquilo que assegurava a possibilidade de referir todo o Real.

A voragem do tempo que vivemos provoca uma destruição do passado como elemento de vínculo social com as gerações anteriores e tornou-se uma característica marcante do século passado.(4)

Perdem-se os elos geracionais e o jovem vive um presente fugaz e contínuo que ameaça a construção da própria identidade. Essa presentificação atordoante é causa de profunda angústia, resultando uma homogeneização das subjetividades e silenciamento da singularidade.

A difusão do consumo massivo de drogas, inclusive psicofármacos, para a obtenção de um prazer imediato, invade o homem com promessas de bem estar e felicidade. (5) O importante é estar bem a qualquer custo. Os padrões de consumo se apresentam como sinônimo de cidadania. Não se fala mais no cidadão e sim no consumidor, assim, não há um órgão de defesa do cidadão, mas sim do consumidor.

A ditadura do universo virtual onde até a vida sexual é mediada por uma máquina leva o ser humano a ter uma vida cada vez mais segregada, longe das trocas sociais que o enriqueceriam muito mais e dariam a ele muito mais segurança existencial.

Essas profundas transformações que a sociedade está vivendo repercutem de maneira indelével na forma de agir dos indivíduos e mesmos da sociedade ou grupos sociais.

O predomínio do individualismo traz consigo uma carga de exigências que está muito acima de suas capacidades humanas. Isto se torna patente na dificuldade imensa que hoje existe para que famílias se mantenham unidas por muito tempo. A fragmentação do espaço social, a fragilidade da figura paterna e da própria família, hoje predominantemente uma família multinuclear, traz para seus componentes obrigações frequentemente insuportáveis.

A liberdade de pensamento, de escolha e opinião é não só uma conquista, como traz em si uma cobrança frequentemente difícil de ser paga. Cada qual é responsável por si, assume a tarefa de construir-se e encontrar um sentido para a própria existência.

Para Pascal Brucker, (6) "o indivíduo livre da arbitrariedade dos poderes por uma série de direitos que garantem a sua individualidade, sofre, entretanto, com a autorização de ser o seu próprio amo, apresentando uma fragilidade constante. Ganha a liberdade, porém perde a segurança."

É preciso deixar claro, que no passado, as ilusões religiosas, os preconceitos e os costumes exerceram uma função social importantíssima ao "proteger" contra o azar, o imprevisto e principalmente do medo da morte. Isso permitia um reconhecimento social e uma responsabilidade limitada. Além disso, a transcendência, a relação com a divindade fornecia não só segurança como também parâmetros reguladores da própria identidade. É o conjunto dessa falência generalizada que Nietzsche deu o nome: a morte de Deus. É o embargo de toda a marca de transcendência. Foi de transcendência (movimento de dirigir-se ao Outro, além) fez repousar todos os jogos de identidade e diferença sem os quais sequer saberíamos entender a palavra ocidente.

Podemos pensar também que a derrocada das ilusões religiosas, o ceticismo frente aos avanços da ciência e o questionamento da própria deusa Razão, foi o solo propício para a emergência com toda força da economia de mercado.

Isso foi substituído no mundo globalizado pela tecnologia e pelo império da economia, um mundo que tem pouco haver com as necessidades mais humanas dos humanos. Mesmo com a globalização mais acelerada há uma incapacidade conjunta das instituições e do comportamento coletivos de se adaptarem. Logo estamos cada vez mais sozinhos e escravos da liberdade.

Mas é talvez na relação com o outro – terceira causa de sofrimento humano apontada por Freud, que os nossos passos tenham sido mais tímidos. Parece mesmo que não temos caminhado na direção do outro, isto é, ao encontro do outro.

Como já nos referimos anteriormente a relação com o outro e outros é marcada por um mal-estar que é insolúvel, pois a entrada do sujeito na cultura é sempre permeada pelo conflito e causa de mal-estar.

Segundo Birman,(8) a partir de,“ Além do princípio do prazer” Freud ao conceituar a pulsão de morte dá uma virada metapsicológica que transforma a palavra desamparo em conceito ou seja o conceito de desamparo.

Introduz o desamparo como estruturante do ser humano constituindo assim uma descontinuidade no discurso Freudiano,que inscreve a partir de então, a problemática do Outro.

Para Freud (9) em seus textos iniciais, a vida era um bem insofismável, sendo a morte a perda desse bem originário.

A vida era o oposto da morte e a morte tinha uma relação de exterioridade em relação a ela A partir de 1920, (9) há um entrelaçamento entre a vida e a morte, entre a ordem e a desordem em que o princípio de constância se transforma em princípio de nirvana que apresenta uma tendência ao inanimado.

O organismo humano, viria ao mundo incapacitado e prematuro para a vida,correlato da propensão primária para a descarga absoluta. Ele próprio, não daria conta de lidar com suas excitações gerando um excesso, excesso esse, que sairia como descarga e esta seriam erogeneizada pelo Outro para retornar para o interior do organismo e com isso haver a fixação da ordem vital. Um desenvolvimento do que ele chama no Projeto de ação específica.

Segundo Birman é pela exterioridade que a interioridade seria constituída como ordem sexual transformando as descargas mortíferas,através desse agenciador que é o Outro em pulsão sexual,constituindo com isso o corpo erógeno

A vida teria de se opor constantemente a atração do inanimado. Seria o Outro como ordem que inscreveria o infante marcado pela desordem no registro da vida. Fica assim a marca insuperável da dependência do outro, Essa mediação do Outro, marcará uma dependência da qual jamais se libertará. Aquilo que se chama a dívida simbólica.

Conclusão:

A ilusão de alcançar um ideal que buscou para si a partir de uma liberdade que lhe é oferecida e exigida coloca o homem frente ao sentimento profundo de insuficiência e impotência. Esse homem aprisionado às exigências de um ideal que o alimenta e ao mesmo tempo o atormenta, vive o conflito entre aquilo que deseja e aquilo de que é capaz.

Segundo Freud, a distancia entre o ideal do eu e o eu ideal resulta em uma dificuldade para a constituição do narcisismo.

Na pós-modernidade, segundo alguns autores houve um deslocamento das histerias do tempo de Freud, para as depressões e neuroses narcísicas atuais.

Vivemos numa época complexa e cheia de paradoxos, onde uma tecnologia avançada nos faz sentir em um primeiro momento grandiosos e onipotentes para logo a seguir nos tornarmos pequenos e impotente.

Ficamos assim sob o domínio do vazio e da impotência. Se tudo é possível, a impossibilidade é uma certeza. Logo vivemos a beira da tragédia da insuficiência. A insuficiência que acompanha o desamparo é pois constitutiva de nossa condição humana e vai presentificar-se na falta estrutural que marca a nossa condição de falantes.

Com a ética do mercado nos deslocamos da questão do proibido /permitido para o possível /impossível. Região regulada pelo capital.

Como nos diz Bauman,(10) passamos o tempo tentando resolver os problemas deixados pelas últimas tentativas de resolve-los. Tentamos trancar o estábulo quando o cavalo já fugiu.

Há uma impotência enorme em lidar com a própria impotência de se lidar com a impotência.A angustia do real invade a nossa existência.

Por isso os historiadores, cujo ofício é lembrar o que outros esqueceram, tornam-se mais importantes do que nunca no fim do segundo milênio ao nos lembrar da nossa historia social que é fundamental no entendimento da historia pessoal que tentamos reconstruir no consultório.

Bibliografia :

- 1-Freud,S – Tendência universal para a depreciação na esfera do amor. In Obras completas de Freud –Vol. XI,
- 2-Freud,S – O mal estar na civilização. In Obras completas de Freud –Vol. XXI
- 3-Freud,S –Futuro de uma ilusão. In Obras completas de Freud- Vol XXI
- 4-Peres,U.T- trabalho -"O desamparo do homem contemporâneo."
- 5-Birman,J- Estilo e modernidade em psicanálise.-São Paulo –Ed 34
- 6-Brucker,P – A tentação da inocência.
- 7-Birman,J- trabalho- "Sobre o conceito de desamparo no discurso freudiano."
- 8-Freud,S- Projeto de umapsicologia científica. In Obras completas de Freud- Vol.
- 9-Freud,S-Além do Princípio do Prazer. In Obras completas de Freud- Vol
- 10-Bauman,Z-entrevista no jornal O Globo -2005
- 11-Vilhena,J & Medeiros,S (2002) Mídia e perversão,In Ciência Hoje. Vol 31,n 183 ,R.J ,SBPC .pp28-31